



PERCEPÇÃO DE EDUCADORES SOBRE A ORIENTAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA: UM SOLO QUE NUNCA PISARAM

PERCEPTION OF EDUCATORS ON SEXUAL GUIDANCE AT SCHOOL: A FLOOR THEY NEVER TREADED

PERCEPCIÓN DE EDUCADORES SOBRE LA ORIENTACIÓN SEXUAL EN LA ESCUELA: UN SUELO QUE NUNCA PISARON

Josiane Bandeira¹, Samuel Spiegelberg Zuge², Crhis Netto de Brum³, Tassiana Potrich⁴, Joice Moreira Schmalfuss⁵

RESUMO

Objetivo: identificar a percepção dos educadores acerca da temática orientação sexual na escola. **Método:** estudo descritivo exploratório, de abordagem qualitativa, com 15 educadores de uma escola pública, no período de setembro a outubro de 2014. Os dados foram produzidos a partir de entrevistas semiestruturadas e submetidos à Técnica de Análise de Conteúdo. **Resultados:** a partir da análise, emergiu a categoria analítica << A percepção da orientação sexual na escola como um solo que nunca pisaram >>. Os educadores mencionaram que encontram dificuldades para se adaptarem com a temática orientação sexual na escola. **Conclusão:** são necessárias iniciativas conjuntas entre as áreas da saúde e da educação. Essa articulação tem o intuito de possibilitar espaços de discussão coletiva sobre a orientação sexual na escola de maneira a minimizar as dúvidas e anseios advindos dos educadores. **Descritores:** Educação sexual; Docentes; Enfermagem.

ABSTRACT

Objective: to identify the perception of educators on the theme of sexual guidance at school. **Method:** a descriptive and exploratory study of a qualitative approach, with 15 teachers of a public school in the period of September-October 2014. The data were produced from semi-structured interviews and submitted to content analysis technique. **Results:** from the analysis emerged analytical category << The perception of sexual guidance in the school as a floor they never treaded >>. Educators mentioned that it was difficult to adapt to the theme of sexual guidance at school. **Conclusion:** joint initiatives in the areas of health and education are needed. This coordination is intended to allow spaces for collective discussion of sexual guidance in the school so as to minimize the doubts and anxieties arising from educators. **Descriptors:** Sex Education; Teachers; Nursing.

RESUMEN

Objetivo: identificar la percepción de los educadores acerca de la temática orientación sexual en la escuela. **Método:** estudio descriptivo exploratorio, de enfoque cualitativo, con 15 educadores de una escuela pública, en el período de septiembre a octubre de 2014. Los datos fueron producidos a partir de entrevistas semi-estructuradas y sometidos a la Técnica de Análisis de Contenido. **Resultados:** a partir del análisis surgió la categoría analítica << La percepción de la orientación sexual en la escuela como un suelo que nunca pisaron >>. Los educadores mencionaron que encuentran dificultades para adaptarse con la temática orientación sexual en la escuela. **Conclusión:** son necesarias iniciativas conjuntas entre las áreas de la salud y de la educación. Esa articulación tiene el intuito de posibilitar espacios de discusión colectiva sobre la orientación sexual en la escuela de manera a minimizar las dudas y ansias de los educadores. **Descriptores:** Educación sexual; Profesores; Enfermería.

¹Enfermeira, Egressa, Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó (SC), Brasil. E-mail: joseanibandeira2008@hotmail.com;

²Enfermeiro, Doutorando em Enfermagem pela Universidade Federal de Santa Maria. Docente colaborador do Curso de Enfermagem da Universidade do Estado de Santa Catarina. Chapecó (SC), Brasil. E-mail: samuelzuge@gmail.com; ³Enfermeira, Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó (SC), Brasil. E-mail: crhis.brum@uffs.edu.br; ⁴Enfermeira, Professora Mestre em Enfermagem, Curso de Enfermagem, Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó (SC), Brasil. E-mail: tassiana.potrich@uffs.edu.br; ⁵Enfermeira, Professora Mestre em Enfermagem, Curso de Enfermagem, Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó (SC), Brasil. E-mail: joice.schmalfuss@uffs.edu.br

INTRODUÇÃO

A educação brasileira, a partir de 1996, apresenta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) os temas transversais, os quais têm como intuito inserir no âmbito escolar, a partir de diferentes olhares, questões relevantes, urgentes e presentes na vida cotidiana dos educandos. Dentre os temas relevantes no PCN, encontra-se a orientação sexual como uma possibilidade de integração entre as áreas da saúde e educação, ao considerarem o espaço escolar como uma oportunidade para a construção de diferentes abordagens interdisciplinares e intersetoriais.¹

A orientação sexual contribui para que os educandos possam desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade. No entanto, destaca-se que é papel da escola garantir direitos básicos ao educando, por exemplo, saúde, informação e conhecimento, elementos estes considerados fundamentais para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades.² Assim, percebe-se que a escola não é somente um lugar de aprendizagem teórica mas também um espaço de vivência e transformação, bem como um meio singular para a incorporação de conhecimento sobre saúde.³

A escola é um espaço adequado para o desenvolvimento de estratégias de cuidado, em que educadores proporcionam, de forma interativa e dinâmica, momentos para sanar dúvidas acerca da orientação sexual. Essas ações poderão auxiliar na diminuição de agravos relacionados à vida sexual e reprodutiva dos educandos, ao inserir o educador como um mediador nesse processo.⁴

O educador tem a desafiante tarefa de trabalhar com esta temática de maneira transversal, não apenas sob o enfoque biológico, mas também a partir de questões que englobem os valores, a moral, a ética, os sentimentos, a cultura, entre outros, bem como no preparo desses jovens para exercer sua sexualidade de forma responsável, com vistas a minimizar a vulnerabilidade dos mesmos.⁵

É possível observar que as escolas enfrentam dificuldades para a inserção do tema da orientação sexual em seu cotidiano, muitas vezes não possibilitam espaços para debater sobre saúde reprodutiva e sobre a sexualidade de uma forma contínua e transversal. Essas dificuldades encontram sustentação, principalmente, pela carência de educadores habilitados para gerenciar discussões e reflexões acerca do tema.^{6,7} Tal problemática pode estar atrelada a fatores

personais, à falta de momentos de capacitação e problemas institucionais. Além disso, as políticas públicas têm se mostrado insuficientes para a sustentação e manutenção desta temática no ambiente escolar⁸. Diante do exposto, o estudo teve como questão orientadora: Qual a percepção dos educadores acerca da temática orientação sexual no contexto escolar?

A partir disso, objetiva-se identificar a percepção dos educadores acerca da temática da orientação sexual na escola.

MÉTODO

Estudo descritivo exploratório com abordagem qualitativa, realizado em uma escola pública de um município da região Oeste de Santa Catarina/SC. A produção de dados foi por meio de entrevista semiestruturada, entre os meses de setembro a outubro de 2014. Participaram do estudo 15 educadores, que foram incluídos por ministrarem aula para o ensino fundamental e/ou médio para educandos que estivessem na faixa etária dos 10 aos 19 anos de idade, conforme o Ministério da Saúde que considera a faixa etária para demarcar a fase da adolescência; e excluídos os educadores que, no período da coleta de dados, estivessem em período de férias ou em qualquer tipo de licença.

Para o desenvolvimento das entrevistas, foi elaborado um roteiro a fim de permear os eixos de sua condução, contendo as seguintes questões: Você conhece os Parâmetros Curriculares Nacionais e os temas transversais? Quais os temas transversais que trabalham/trabalharam em sala de aula, e a orientação sexual entraria nesses temas abordados? E como é trabalhada? Como o educador visualiza a orientação sexual no seu cotidiano escolar? Todas as entrevistas ocorreram de forma individual e foram audiogravadas em um aparelho do tipo MP3 e, posteriormente, transcritas na íntegra.

Os dados foram analisados em conformidade com a Análise de Conteúdo⁹. Neste contexto, para o desenvolvimento da análise, foram seguidas as etapas: organização e leituras dos dados; identificação dos códigos e os resultados; elaboração das categorias, representadas pelo conjunto de expressões e características similares; apresentação e análise das categorias.

A pesquisa teve aprovado o projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Fronteira Sul/Campus Chapecó (UFFS/SC), sob o número de registro 753.432, em 20 de agosto de 2014. O projeto respeitou

Bandeira J, Zuge SS, Brum CN de et al.

os preceitos éticos da Resolução de número 466 de 2012, do Conselho Nacional de Saúde (CNS)/Ministério da Saúde, que dispõe sobre diretrizes e normas regulamentares da pesquisa envolvendo a participação de seres humanos. Na apresentação dos resultados, com o intuito de manter o sigilo dos participantes, os educadores foram codificados pela letra “E” de educadores, seguida do número arábico, a exemplo: E1, E2, E3, sucessivamente.

Percepção de educadores sobre a orientação sexual...

RESULTADOS

Para a exposição dos resultados, primeiramente, será apresentada a caracterização dos educadores, conforme a Figura 1, e, a seguir, a categoria analítica que emergiu da análise: A percepção da orientação sexual na escola como um solo nunca antes pisado.

Código	Sexo	Idade	Área do conhecimento	Grau de instrução	Tempo de licenciatura
E1	F	33	Pedagogia	Pós-graduação lato sensu	03 anos
E2	F	42	Matemática	Pós-graduação lato sensu	-
E3	F	46	Inglês	Superior Incompleto	-
E4	F	28	Biologia	Pós-graduação lato sensu	03 anos
E5	M	46	Geografia	Pós-graduação lato sensu	12 anos
E6	F	38	Pedagogia	Pós-graduação lato sensu	09 anos
E7	M	34	Literatura Brasileira	Pós-graduação lato sensu	03 anos
E8	F	43	Letras - Português	Pós-graduação lato sensu	16 anos
E9	F	38	Letras - Português	Mestrado Acadêmico	17 anos
E10	F	26	Ciências Sociais	Superior Incompleto	03 anos
E11	M	29	Filosofia	Pós-graduação lato sensu	04 anos
E12	M	39	Matemática	Mestrado Acadêmico	16 anos
E13	M	35	Educação Física	Pós-graduação lato sensu	12 anos
E14	F	48	Pedagogia	Pós-graduação lato sensu	28 anos
E15	F	33	Educação	Mestrado Acadêmico incompleto	10 anos

Figura 1. Caracterização dos educadores de uma escola pública de um município da região oeste de Santa Catarina, SC, 2014.

◆ Percepção da orientação sexual na escola como um solo nunca antes pisado

Os educadores percebem o tema transversal sobre orientação sexual como um solo nunca antes pisado, uma vez que não se sentem preparados e, por vezes, apresentarem dificuldades em se adaptarem a trabalhar com o tema em suas disciplinas.

[...] isso é complicado, igual te falei, é um solo que eu nunca pisei, entendeu? Eu nem sei como eu abordaria isso [...]. Não me vejo preparada para entrar nesse solo [risos], [vê a necessidade] de ser orientada a como falar, como fazer, como conduzi-los [...]. (E3)

[...] muitas vezes os professores não estão preparados para trabalhar essas questões em sala de aula, ou muitas vezes deixam só para a biologia trabalhar, ligado somente a questão sexual, biológica e a gente sabe que a orientação sexual não é somente vinculada a questão biológica. Seria uma construção social, e às vezes ela é podada, não é trabalhada. Os professores vão precisar se capacitar para isso. (E10)

[...] em parte por estar começando a minha carreira como professor efetivo há pouco tempo, eu me sinto um pouco inibido ainda, acho que a sexualidade acabou sendo muito banalizada no nosso contexto, os jovens perderam a dimensão do real significado do que seria o ato sexual, não é tudo aquilo puramente mecânico, instintivo, fiz e

pronto, tem uma série de consequências [...]. (E11)

Destaca-se que os educadores percebem a necessidade de chamar outros profissionais a fim de contribuir para a orientação sexual na escola. Esta percepção retrata os anseios e a preocupação dos educadores em trabalhar com a temática orientação sexual apontando a necessidade de terem pessoas especializadas para trabalhar com o tema visando permitir um melhor aprendizado por parte dos educandos.

[...] trazer pessoas para explicar para os adolescentes, eu penso que deveria ter mais, por causa de todas as informações que tem. Então, eu penso que deveriam ter mais, no sentido de atender o que eles querem saber. (E1)

[...] acho interessante, por que estou na sala todos os dias, então vir alguém de fora, uma pessoa diferente, até para eles perguntarem, ficar mais a vontade, eu acredito que seria bom [...], alguém que traga todos os métodos [anticoncepcionais e de prevenção], para eles verem, visualizarem. Também, tipo a camisinha feminina, com que se usa, explicar para eles, por que eu entendo, assim, por cima, não sou aquela pessoa especialista, para chegar ali e explicar tudo certinho[...]. (E4)

Acho que também poderia vir pessoas, para dar palestras, pessoas mais habilitadas, da área da saúde para responder as dúvidas [...]. (E8)

Percebe-se que a orientação sexual acaba sendo trabalhada, majoritariamente, pelos educadores que ministram as disciplinas de Ciências e Biologia. Esta percepção aponta certa insegurança e até mesmo conhecimento sobre o tema, mesmo sendo apontado como transversal. Referem não dominar o tema e por isso é melhor delegar a discussão e as atividades aos pares que abordam as disciplinas específicas citadas acima.

[...] tem coisas que eu não domino, não estudei ciências, não estudei biologia, então, eu procuro muito a orientação da professora de biologia. (E1)

A professora da biologia que acaba trabalhando [orientação sexual]. Eu sei que elas fazem, tem com a coordenação da escola as meninas que estão sempre trabalhando, mas não é um trabalho que eu acompanho. (E2)

[...] é um tema transversal [orientação sexual], mas querendo ou não acaba sobrando para as áreas da ciência e biologia. (E4)

Destaca-se que os educadores, ao perceberem a orientação sexual na escola, apontam que necessita ser incorporada a temática em seus diversos contextos, a qual pode ser vista como um processo de mudança no âmbito escolar. Acreditam que trabalhar a orientação sexual é fundamental para o crescimento e desenvolvimento dos adolescentes.

Ela é fundamental [orientação sexual], como em tudo na vida, eu acredito que a educação escolar é só um reflexo, um complemento da educação, que o aluno trás consigo do ambiente familiar e da convivência da sociedade em geral, com amigos, com trabalho, com tudo mais. (E11)

É um tema que não tem como não se trabalhar, até por que ele está bem latente, esta aparecendo muito. É a maior dificuldade da grande maioria das pessoas é aceitar, conhecer, e a partir disso, você consegue trabalhar sobre. (E14)

[...] hoje, a gente esta precisando bastante orientar os nossos alunos sobre as questões da sexualidade, por que está surgindo cada vez mais cedo. Está aflorando cada vez mais cedo e a gente tem grandes problemas com isso. (E15)

É possível observar que os educadores vivenciam dificuldades e sentem-se despreparados para abordar a orientação sexual na escola, no entanto entendem e explicitam a necessidade e a importância em trabalhar com o tema. Salientam que para trabalhar com o tema carecem da colaboração de profissionais da saúde e/ou educadores de áreas que contemplem a orientação sexual em suas disciplinas, a exemplo, de Ciências e Biologia.

DISCUSSÃO

Em 1996, foram implantados os Parâmetros Curriculares Nacionais e, dentre temas abordados, a orientação sexual foi estabelecida como um tema transversal, o qual todos os educadores devem abordá-lo em sala de aula, independentemente de sua disciplina,¹⁰ porém, muitos relataram ter dificuldade e que se sentem despreparados para abordar a orientação sexual na escola. Atribuem essa dificuldade e despreparo às instituições de ensino superior, pois, na maioria das vezes, na grade curricular dos cursos de graduação, não disponibilizam uma formação adequada para trabalhar o tema¹¹.

A orientação sexual é apontada pelos educadores como um solo nunca antes pisado. Como consequência, a literatura descreve que os educadores preferem não abordar esse tema em sala de aula, uma vez que, normalmente, são tomados pela insegurança quanto à condução dos questionamentos que podem emergir. Tal estratégia pode ser compreendida como um refúgio para manter o controle da situação e, também, para não se expor a situações constrangedoras.¹²

O fato de o educador não trabalhar a orientação sexual no contexto escolar, muitas vezes, é reflexo dos valores construídos ao longo de sua vida⁶. Ou seja, esses educadores já estão imbuídos de valores, conhecimentos, vivências e experiências, que limitam o diálogo de determinados assuntos⁷. Como consequência, o educador que não tem conhecimento sobre a orientação sexual aborda, somente, quando há manifestação por parte dos educandos, sendo trabalhada na perspectiva próxima ao senso comum, de forma pontual e não continuada. Assim, o educador muitas vezes desconsidera as questões como: gravidez na adolescência, doenças sexualmente transmissíveis, dentre outras que surgem no cotidiano escolar, as quais seria necessário ser dialogada conjuntamente com os educandos, refletindo quanto as suas dúvidas, medos e dificuldades.¹³

Destacam-se as inúmeras dificuldades encontradas pelos educadores em trabalhar a orientação sexual, as quais advêm da ausência de formação específica, carga horária elevada, pois muitos educadores trabalham em mais de uma escola, falta de materiais didáticos e estrutura, dificuldade de aceitação dos demais educadores em trabalhar o tema interdisciplinarmente, por desinteresse, receio de abordar esse assunto com adolescentes e não saber o que orientar. Diante destas inúmeras problemáticas em

Bandeira J, Zuge SS, Brum CN de et al.

trabalhar a orientação sexual na escola, quase sempre, acaba sendo de forma pontual.¹⁰

O educador para abordar essa temática não deve se prender somente ao que a escola disponibiliza, e sim ir além, buscar meios, como livros, revistas, *sites*, especialistas no assunto, e se manter sempre informado, pois as dúvidas dos educandos podem surgir a qualquer momento. O educador precisa estar sempre atualizado, uma vez que os meios de comunicação estão a toda hora trazendo informações de todo o mundo.¹⁴

Com a implantação do tema orientação sexual no currículo escolar, identifica-se que há uma escassez de materiais didáticos para auxiliar os educadores a abordar esse tema em sala de aula¹⁵. Os diversos recursos didáticos utilizados são importantes para complementar o espaço de ensino-aprendizagem de maneira construtiva e enriquecedora, estimulando nos educandos a criatividade e garantindo a sua autonomia¹⁶.

Além disso, para que a orientação sexual seja abordada de forma plena, é preciso pensar na formação continuada dos educadores, já que é um tema que demanda constante busca de conhecimento¹⁷, uma vez que os educadores são considerados a peça chave no desenvolvimento da temática orientação sexual no contexto escolar e, para isso, torna-se necessário que participem de um processo amplo e aprofundado de formação, tanto de conteúdos quanto de metodologia para permitir que os jovens tenham uma melhor orientação sobre os mitos que envolvem as questões sexuais, informações na perspectiva do conhecimento científico e reconstrução dos saberes que a sociedade, mídia e família imprimiram nesses adolescentes.¹⁸

Em vista disso, a formação de educadores é importante para superar a perspectiva do senso comum, permitindo aprofundar e buscar conhecimentos básicos e suficientes sobre a orientação sexual para então definir objetivos, conteúdos e metodologias para abordar esse assunto em sala de aula, assim como desenvolver a sensibilidade e enfrentar os principais problemas que permeiam os alunos, contribuindo para a construção de uma visão positiva e responsável do educando sobre a sua própria sexualidade. Essa construção do educador deve estar centrada na busca de orientações, trocas de experiências constantes entre profissionais de segmentos diferentes a fim de que se possa ter uma visão geral de como a orientação sexual possa ser desenvolvida dentro da sala de aula.¹⁹

Percepção de educadores sobre a orientação sexual...

Ainda, para que esta formação contemple as necessidades dos educadores sobre o tema, deve envolver profissionais das diversas áreas, como a da saúde, sexologia, história e pedagogia, entre outras.²⁰ Muitas escolas buscam apoio em psicólogos ou outros profissionais para dar palestras, mas sabe-se que a eficácia desse trabalho é limitada, já que não se dá sequência e também porque o profissional não conhece a realidade dos jovens.

Outra necessidade relatada pelos educadores é a inserção de profissionais da área da saúde no contexto escolar, por exemplo, o enfermeiro que poderia atuar na educação em saúde com os adolescentes e estendidas as suas famílias e também para auxiliar os educadores ao abordarem o tema em sala de aula.¹⁷ Sugere-se ainda que haja a promoção de momentos de discussões e reflexões com a parceria de profissionais preparados para trabalhar com a orientação sexual para que esse tema não seja meramente para cumprir uma proposta imposta, além de ser abordado de maneira incorreta.²¹

A orientação sexual como tema transversal deve ser abordada em todas as disciplinas, não ficando somente a cargo exclusivo dos educadores de Ciências e Biologia, e tem como propósito informar e esclarecer os alunos sobre as diferentes abordagens da sexualidade²². Assim, ressalta-se que os Parâmetros Curriculares Nacionais foram instituídos com o intuito de assegurar que a orientação sexual seja trabalhada como tema transversal nas mais diversas áreas de conhecimento.²³

Alguns educadores apresentam certa resistência e manifestam estar despreparados ao trabalhar com a orientação sexual em sala de aula. Esta justificativa impõe tal responsabilidade aos educadores de Ciências e Biologia ministrarem o tema em suas aulas, eximindo-os de suas atribuições¹⁹. Juntamente com isso, destaca-se que, além de exigir conhecimento científico, faz-se necessário, ainda, construir vínculos que possibilitem estabelecer o respeito e a confiança mútua entre educando e educador.²⁴ Ainda, exige que os educadores superem paradigmas construídos no seu dia a dia, advindos de sua cultura e seu cotidiano. Ao trabalharem a orientação sexual em sala de aula, muitas vezes, deparam-se com preconceitos, medos, valores, o que poderá influenciar, de alguma forma, a construção do conhecimento dos adolescentes sobre o tema.²⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A categoria analítica a percepção da orientação sexual na escola como um solo que nunca pisaram aponta que os educadores se sentem despreparados e possuem dificuldades para abordar a orientação sexual em sala de aula. Esse despreparo, conforme os educadores, é visto pela falta de preparo na graduação, carência de capacitações e pela ausência de um contexto interdisciplinar.

A escola é um espaço que busca formar indivíduos, sem preconceitos e tabus. Para que isso ocorra, faz-se necessário que o educador tenha em sua formação a contextualização com os temas transversais, em específico a orientação sexual, possibilitando a construção de novos conhecimentos, além de trabalhar abertamente esse tema nas diversas situações cotidianas que possam surgir no contexto escolar.

A orientação sexual poderá fazer parte da grade curricular dos cursos de graduação a fim de permitir uma formação que auxilie os futuros educadores na reconstrução da sua própria sexualidade, os quais consigam não somente trabalhar o conteúdo restrito a sua matéria, mas, sim, temas da atualidade, trazendo para a sala de aula fatos e vivências. Ainda, destaca-se a necessidade de qualificações e sensibilizações contínuas por meio de uma articulação entre as áreas da saúde e da educação. Essa articulação pode ser fortalecida pelo profissional enfermeiro inserido no cotidiano escolar, não apenas em momentos específicos, como campanhas preventivas, mas, sim, oportunizando discussões e reflexões coletivas sobre o tema entre toda a comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

1. Secretaria de Educação Fundamental (BR). Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
2. Mendonça LLC, Nascimento GA. A escola como espaço de vivência da cidadania. Plures Humanidades. 2012 Jan/June;13(1):101-17.
3. Lopes GT, Bernardes MMR, Acauan LV, Felipe ICV, Casanova EG, Lemos BKJ. O enfermeiro no ensino fundamental: desafios na prevenção ao consumo de álcool. Esc Anna Nery Rev Enferm [Internet]. 2007 Dec [cited 2015 Oct 25];11(4):712-6. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v11n4/v11n4a25.pdf>

4. Oliveira M, Maio ER. Formação de professores/as para abordagem da educação sexual na escola. Espaço Plural. 2012; 26(1):45-54.
5. Rufino CB, Pires LM, Oliveira PC, Souza SMB, Souza MM. Educação sexual na prática pedagógica de professores da rede básica de ensino. Rev eletrônica enferm [Internet]. 2013 Oct/Dec [cited 2015 Oct 25];15(4):983-91. Available from: https://www.fen.ufg.br/fen_revista/v15/n4/pdf/v15n4a16.pdf
6. Jardim DP, Brêtas JRS. Orientação sexual na escola: a concepção dos professores de Jandira - SP. Rev Bras Enferm [Internet]. 2006 Mar/Apr [cited 2015 Oct 25];59(2):157-62. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v59n2/a07.pdf>
7. Santos I, Matthiesen SQ. Orientação sexual e educação física: sobre a prática pedagógica do professor na escola. Rev educ fis [Internet]. 2012 [cited 2015 Oct 25];23(2):205-215. Available from: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/14266/9655>
8. Pirotta KCM, Barboza R, Pupo LR, Unbehau S, Cavasin S. Programas de orientação sexual nas escolas: uma análise das lacunas na implementação de políticas públicas a partir da percepção dos alunos da rede municipal de ensino de São Paulo. Revista Gestão e Políticas Públicas. 2013;3(1):190-210.
9. Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2011.
10. Nardi HC, Quartiero E. Educando para a diversidade: desafiando a moral sexual e construindo estratégias de combate à discriminação no cotidiano escolar. Sex salud soc. 2012 Ago; 11:59-87.
11. Silva RCP, Neto JM. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. Ciênc educ [Internet]. 2006 [cited 2015 Oct 25];12(2):185-97. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/ciedu/v12n2/05.pdf>
12. Souza MM, Munari DB, Souza SMB, Esperidião E, Medeiros M. Qualificação de professores do ensino básico para a educação sexual por meio da pesquisa-ação. Ciênc cuid saúde [Internet]. 2010 Jan/Mar [cited 2015 Oct 25];9(1):91-8. Available from: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/10532/5741>
13. Gesser M, Oltramari LC, Cord D, Nuernberg AH. Psicologia escolar e formação continuada de professores em gênero e

Bandeira J, Zuge SS, Brum CN de et al.

sexualidade. *Psicol esc educ* [Internet]. 2012 July/Dec [cited 2015 Oct 25];16(2):229-36. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/pee/v16n2/a05v16n2.pdf>

14. Santos IA, Rubio JAS. A orientação sexual nos anos iniciais do Ensino Fundamental: possibilidades e desafios. *Revista Eletrônica Saberes da Educação* [Internet]. 2013 [cited 2015 Oct 25];4(1):1-17. Available from: <http://www.facsao Roque.br/novo/publicacoes/pdf/v4-n1-2013/lnaia.pdf>

15. Rodrigues A, Galdino PG, Freitas PFCP. Orientação sexual: percepções de alunos sobre a sexualidade e a orientação sexual escolar. *Revista Eletrônica de Ciências* [Internet]. 2012 Jan/June [cited 2015 Oct 25];13(18):1-18. Available from: <http://revistatema.facisa.edu.br/index.php/revistatema/article/view/124/127>

16. Diniz IKS, Darido SC. Livro didático: uma ferramenta possível de trabalho com a dança na Educação Física Escolar. *Motriz rev educ fis* [Internet]. 2012 Jan/Mar [cited 2015 Oct 25];18(1):176-85. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/motriz/v18n1/v18n1a18.pdf>

17. Nothft SCS, Zanatta EA, Brumm MLB, Galli KSB, Erdtmann DK, Buss ES, et al. Sexualidade do adolescente no discurso de educadores: possibilidades para práticas educativas. *REME rev min enferm* [Internet]. 2014 Apr/June [cited 2015 Oct 25]; 18(2):284-9. Available from:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:wMZI1bA-mIJ:saudepublica.bvs.br/pesquisa/resource/p/t/bde-25720+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>

18. Barcelos NNS, Jacobucci DFC. Estratégias didáticas de educação sexual na formação de professores de Ciências e Biologia. *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias* [Internet]. 2011 [cited 2015 Oct 25];10(2):334-45. Available from: http://www.saum.uvigo.es/reec/volumenes/volumen10/ART6_VOL10_N2.pdf

19. Holanda ML, Frota MA, Machado MFAS, Vieira NFC. O papel do professor na educação sexual de adolescentes. *Cogitare Enferm* [Internet]. 2010 Oct/Dec [cited 2015 Oct 25];15(4):702-8. Available from: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/cogitare/article/viewFile/20371/13540>

20. Rosistolato RPR. Orientação sexual na escola: expressão dos sentimentos e construção da autoestima. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*. 2009 May/Aug;90(225):367-84.

Percepção de educadores sobre a orientação sexual...

21. Beserra EP, Alves MDS. Enfermagem e saúde ambiental na escola. *Acta paul enferm* [Internet]. 2012 [cited 2015 Oct 25];25(5):666-72. Available from: <http://www.scielo.br/pdf/apv/v25n5/04.pdf>

22. Carpilovsky CK, Temp DS, Costabeber I, Soares FAA, Arrial J, Trelles KB. Educação Fundamental: ação dos professores frente à temática da educação sexual na escola pública. *Revista Eletrônica Vidya* [Internet]. 2010 Jan/June [cited 2015 Oct 25];30(1):43-52. Available from: <http://www.periodicos.unifra.br/index.php/VIDYA/article/view/299/274>

23. Lira A, Zofili Z. O tema transversal orientação sexual nos PCN e a atitude dos professores: convergentes ou divergentes. *Ensino, saúde e ambiente* [Internet]. 2010 Apr [cited 2015 Oct 25];3(1):22-41. Available from:

<http://www.ensinosaudeambiente.uff.br/index.php/ensinosaudeambiente/article/view/105/104>

24. Moreira BLR, Folmer V. Educação sexual na escola: construção e aplicação de material de apoio. *Experiências em Ensino de Ciências*. 2011;6(2):151-60.

25. Barros SC, Ribeiro PRC. Educação para a sexualidade: uma questão transversal ou disciplinar no currículo escolar? *Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias* [Internet]. 2012 [cited 2015 Oct 25];11(1):164-87. Available from: http://www.saum.uvigo.es/reec/volumenes/volumen11/REEC_11_1_9_ex570.pdf

Submissão: 26/10/2015

Aceito: 16/11/2015

Publicado: 01/03/2016

Correspondência

Samuel Spiegelberg Zuge

Universidade do Estado de Santa Catarina, Rua 7 de Setembro, 91D

Sala 2

Bairro Centro

CEP 89801-140 – Chapecó (SC), Brasil